

D I C A S



Da Coordenação Nacional da Pastoral da Criança
às Coordenações de Setor e Capacitadores envolvidos com
o projeto em conjunto com a Pastoral Carcerária.

Agosto 2007 - nº 41

Capacitação de líderes no cárcere: uma forma de levar vida em abundância para as crianças e gestantes presentes no cárcere.

"Estive preso e vocês me visitaram". Mt 25,36

O projeto piloto da Pastoral da Criança em parceria com a Pastoral Carcerária surgiu do desejo de colaborar juntos numa ação pastoral na difícil realidade das mulheres presas e seus filhos.

O sistema prisional é quase exclusivamente masculino (97%) e não leva em conta as necessidades específicas das mulheres, das gestantes e das mães.

Capacitar estas mulheres para se tornar líderes da Pastoral da Criança dentro da prisão, muda o clima e a mentalidade do estabelecimento prisional em favor da vida.

Por meio da capacitação elas se tornam protagonistas da sua história e recebem ferramentas para cuidar melhor de si mesmas, de suas companheiras de presídio e de seus filhos.

Nesse projeto, buscamos unir forças para ajudar essas mulheres no regresso para suas comunidades. Após cumprir a pena, as líderes capacitadas têm, por meio da Pastoral da Criança, uma chance a mais para se integrar na comunidade de onde vieram depois de ganharem a liberdade.

Para que esse projeto aconteça, precisamos de capacitadores e brinquedistas que controlem eventuais preconceitos e não recuem diante das barreiras que existem. Essas pessoas contarão com todo o apoio dos agentes da Pastoral Carcerária, que tem experiência na convivência neste universo.

Junte-se a nós e vamos juntos buscar resgatar a dignidade e levar vida em abundância para as crianças e gestantes presentes no cárcere. Precisamos fazer nossa parte para que elas acreditem que uma vida nova é possível.

Histórico e motivação do projeto

A capacitação das reeducandas do sistema prisional como líderes comunitárias foi a maneira encontrada pelas Pastorais da Criança e Carcerária para ajudar na reintegração social destas. Oferecendo-lhes uma oportunidade de aprenderem e desenvolverem um trabalho voluntário enquanto estão detentas, facilita-se a sua inserção ao convívio social quando do seu retorno à comunidade. O trabalho baseia-se, principalmente, no Objetivo Geral da CNBB (DGAE) que é buscar a promoção da dignidade da pessoa humana, renovação da comunidade e a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Atualmente o Projeto Piloto está em andamento nos Setores da III Região de Salvador/BA, Barreiras/BA, Jequié/BA e na Arquidiocese de Olinda e Recife/PE. A meta é expandir o projeto de forma gradual, de acordo com a solicitação e a necessidade expressadas pelos Coordenadores e Bispos. São as Pastorais Carcerária e da Criança unidas na busca para que “todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

A missão da Pastoral da Criança

A Pastoral da Criança tem como objetivo acompanhar as gestantes e crianças de 0 a 6 anos de idade, em comunidades pobres, principalmente em periferias das cidades e nos bolsões de miséria.

A Pastoral da Criança estende agora sua atuação aos presídios e cadeias, mas nossa atuação e objetivos se mantêm os mesmos. Continuamos a capacitar líderes voluntários para desenvolver ações básicas de saúde, educação, nutrição e cidadania, agora para atuar também na comunidade carcerária, onde também se encontram gestantes e crianças menores de 6 meses de idade.

Há outras crianças que costumam visitar suas mães ou parentes nos presídios e essa também é uma ótima oportunidade para sensibilizar suas mães e/ou pessoas que cuidam delas e acompanhá-las.

A missão da Pastoral Carcerária

Ser presença de Jesus Cristo e da Igreja Católica no cárcere e promover a valorização da dignidade humana, dando continuidade do trabalho de Jesus, fazendo a pergunta a si mesmo: “O que Jesus faria, diria nessa situação?” E levar aos irmãos presos a certeza e o conforto de que, apesar de estarem na prisão, são seres humanos, filhos e filhas amados (as) de Deus e merecem ser ouvidos e tratados com dignidade.

A parceria

A Pastoral da Criança e a Pastoral Carcerária são irmãs neste novo desafio, e os papéis (objetivos) de cada uma precisa estar bem claro para que o trabalho possa ser realizado com segurança, bons resultados, e levar vida em abundância até as cadeias e presídios. Para isso, as equipes que vão trabalhar juntas nos presídios devem se encontrar periodicamente, para formação e avaliação.

A Pastoral Carcerária "busca evangelizar e promover de modo eficaz e corajoso os direitos humanos, consolidados no Evangelho e na Doutrina Social da Igreja. Através da palavra, da ação e da colaboração mútua, visa comprometer-se firmemente na defesa dos direitos individuais e sociais do homem e da mulher que padecem nos cárceres".

Esse compromisso da Pastoral Carcerária faz meditar as admiráveis palavras do Profeta Isaías: "Eu, o Senhor, te chamei com justiça, e tomei-te pela mão; eu te formei e te fiz como aliança do povo, como luz das nações, a fim de abrires olhos cegos, tirares do cárcere os presos e da masmorra os que moram na escuridão" (Isaías 42,6-7).

A Pastoral Carcerária atua nas questões relacionadas a vida diária do reeducando, na defesa de seus direitos, na reivindicação de melhores condições de vida dentro da penitenciária ou na cadeia. Para uma melhor integração das ações entre as duas Pastorais, todas as questões que chegarem aos capacitadores referentes aos reeducandos, cujas soluções não estejam ao alcance da Pastoral da Criança e nem façam parte do seu trabalho, devem ser levadas aos agentes da Pastoral Carcerária. Isso não significa nossa omissão frente às situações que ocorrerem, mas o encaminhamento adequado de quem acompanha os presos ou reeducandos.

Responsabilidades da Pastoral da Criança

- capacitar reeducandas como líder da Pastoral da Criança;
- elaborar e ajudar a realizar a Reunião para Reflexão e Avaliação mensal;
- sensibilizar todos os níveis de coordenação para a reintegração das reeducandas na sociedade;
- oferecer oportunidade para que as coordenações e representantes da Pastoral da Criança tenham contato com as reeducandas;
- em uma segunda etapa, capacitar reeducandas como brinquedistas da Pastoral da Criança.

Usando a metodologia do Projeto Brinquedos e Brincadeiras da Pastoral da Criança, organizando a confecção de brinquedos e fazendo brincadeiras com as crianças durante as visitas, as líderes-reeducandas aprendem o valor do lúdico, tornando esses encontros prazerosos e fortalecendo o papel de mãe. O Dia da Celebração da Vida realizado dentro da prisão também ajuda na reintegração, pois faz elas se sentirem mais esperançosas e com o desejo de uma vida diferente lá fora.

Responsabilidades da Pastoral Carcerária

- Introduzir a Pastoral da Criança no sistema prisional, apresentando-a às autoridades, acompanhando-a nos seus trabalhos, ajudando a superar barreiras.

Um pouco de informação sobre a situação carcerária no Brasil

1. O preso e o reeducando

Sabemos bem que o nome das pessoas é o que elas têm de mais importante. Assim como a forma de tratamento que usamos para nos dirigirmos a elas.

O presídio é lugar de prisão temporária, onde o preso aguarda julgamento, e a penitenciária é onde se cumpre pena designada pelo juiz.

Todo preso que tem sua pena definida é chamado pela Pastoral Carcerária de reeducando. Pois esta é a proposta da Pastoral Carcerária: reabilitar o preso. "Reabilitação é um conjunto de atributos que permitem ao indivíduo tornar-se útil a si mesmo, à sua família e a sociedade".

2. Perfil das mulheres encarceradas no Brasil

De acordo com o censo Penitenciário de 2002, conduzido pela Fundação "Prof. Dr. Manoel Pedro Pimentel" de Amparo ao Preso – FUNAP, 75% das presas mulheres tinham à época entre 18 e 34 anos de idade (76% dos homens); e 47% das mulheres eram brancas (46% dos homens); 7 % das mulheres eram analfabetas (6% dos homens), e 65% não tinha completado o ensino fundamental (75% dos homens).

A maioria das mulheres era solteira, somando 54% (38% dos homens), 27% eram casadas (56% dos homens); 12% eram separadas ou divorciadas (5% dos homens); 8% das mulheres eram viúvas (1% dos homens); 18% não tinham filhos (34% dos homens). Em relação ao número de filhos: 24% das mulheres tinham 1 filho; 20%, 2 filhos; 12%, 3 filhos; 10%, 4 filhos; 6%, 5 filhos; e 6% tinham mais de 6 filhos.

A pesquisa da FUNAP também constatou que 35% das mulheres entrevistadas eram reincidentes (42% dos homens). No que diz respeito ao tipo de crime praticado, 44% das mulheres haviam sido condenadas por tráfico de entorpecentes (18% dos homens) e 40% das mulheres por roubo (65% dos homens). As sentenças variam de 1 a 19 anos.

A alta percentagem de mulheres condenadas por tráfico de entorpecentes também é ilustrada pelas mais recentes estatísticas da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE – disponíveis para o estado de São Paulo (relativas ao período 1991-98).

Há sérios níveis de superlotação em muitas das penitenciárias e cadeias femininas no Brasil. A maior parte da superlotação extrema ocorre fora do sistema penitenciário, em

cadeias administradas pela polícia, sob a autoridade da secretaria da Segurança Pública, onde a maioria das presas mulheres está detida. As mulheres são afetadas desproporcionalmente pela escassez de vagas dentro do sistema penitenciário. Em São Paulo em fevereiro de 2005, 4015 mulheres estavam alojadas no sistema penitenciário e 4304 mulheres estavam alojadas em cadeias públicas. Em outras palavras, 52% das mulheres estavam em cadeias públicas. Ao mesmo tempo, somente 15% de homens se encontravam em cadeias públicas.

3. Direitos das mulheres presas

A mulher presa tem direitos especiais. A lei assegura às presas o direito de permanecerem com seus filhos durante o período de amamentação, que atualmente é de 180 (cento e oitenta) dias.

Esse é o “direito de amamentar”, garantido pela Constituição Federal, artigo quinto. Esse artigo diz também que as presas devem cumprir pena em presídios separados, com direito a trabalho técnico adequado à sua condição.

Nossa parceria também quer ajudar a assegurar esses direitos e otimizar o vínculo materno.

Dicas e informações importantes para o capacitador de líderes-reeducandas

1. Ponto de partida

Se você entrar em um ônibus e observar os passageiros, poderá ver pessoas de diversas idades, etnias, tamanhos, rostos diferentes. Pessoas que se parecem com sua vizinha, tia, irmã, prima, avó, mãe. Quem são, o que elas fazem ou fizeram você não sabe. Quando você entrar em um presídio, pode ter a mesma impressão, de estar vendo pessoas comuns, que se parecem muito com as pessoas que você conhece.

A imagem que temos do preso está ligada ao que vemos na televisão, e esta visão está sempre ligada à violência e ao medo. E não é necessariamente isso que vamos encontrar nos presídios. Quase sempre nos mostram uma visão parcial da vida do preso, e não as condições em que estão confinados. A pena que o juiz determina ao preso é de reclusão, não de maus tratos, abandono, sofrimento.

Não interessa para o nosso projeto, o crime cometido ou o que as levou a fazê-lo. Esse tipo de curiosidade só reforça a condição de inferioridade e aumenta a distância entre capacitadores e capacitados.

2. A comunidade carcerária

Cada comunidade tem seu jeito de ser, costumes, linguagem, às vezes regras. É assim também com a comunidade carcerária. Ela tem características próprias que devem ser respeitadas, visando a segurança e o respeito.

A capacitação de líderes reeducandas exige dos capacitadores e coordenadores, uma abordagem que respeite a individualidade de cada uma.

Quando vamos a uma comunidade para iniciar o trabalho da Pastoral da Criança, temos como objetivo o acompanhamento de crianças e gestantes, a mobilização da comunidade com ações de saúde, educação, nutrição e cidadania. Nas cadeias e presídios, esses objetivos se mantêm, porém nosso foco principal é colaborar na reintegração da pessoa presa, sensibilizar para valorização da vida, tanto da gestante que leva outra vida em seu ventre, como das mulheres que estão presas, sejam mães ou não.

Despertar para a vida e o desenvolvimento da criança, e o papel fundamental dos adultos na vida delas.

Quem está nos presídios ou cadeias está em desvantagem, se sentindo diminuída ou incapaz, pois pode perder tudo: a liberdade, a auto-imagem, o direito à convivência familiar e civil, a privacidade, a dignidade e os bens materiais.

Nossa atuação na comunidade carcerária dependerá da colaboração das reeducandas. Pedir ajuda para um projeto comum é uma forma de valorizá-las de fato e pode ser uma boa maneira de começar nosso trabalho.

Os capacitadores devem estar atentos para durante a capacitação estimular a participação, exercitar o raciocínio, o direito a voz; valorizar o resgate das memórias afetivas e o sentimento de pertença; resgatar o indivíduo.

A escuta e a acolhida afetuosa não podem ser esquecidas.

3. O que fazer e o que dizer

Dúvidas podem surgir quanto ao que podemos levar, dizer e o que fazer quando estivermos com as reeducandas. Deixemos ressoar em nós: "O que Jesus faria e diria nessa situação?"

Quando vamos a uma casa fazer visita a uma família ou chegamos em uma capacitação, o natural é que se cumprimente as pessoas. Se não conhecemos, perguntamos o nome, nos apresentamos, perguntamos sobre a família, filhos. Essa é a acolhida que damos às mães da comunidade que estão chegando, ainda desconfiadas e inseguras sobre o que vai acontecer.

Da mesma forma acontece com as reeducandas: a princípio podem ficar desconfiadas e inseguras com a nossa presença e com o que estamos fazendo ali.

Nos primeiros contatos com as reeducandas, nossa ação e missão devem estar bem claras, explicando como o trabalho se desenvolve e quais nossos objetivos.

Deve-se preparar os passos da capacitação prevendo as características de cada presídio ou cadeia: se as reeducandas trabalham, o espaço físico, o serviço médico existente, respeitar a divisão por pavilhões, para que não se projete o trabalho de forma que fique impossível de realizá-lo. Os profissionais que trabalham nos presídios também merecem receber nossa atenção e carinho.

4. Organização pessoal e medidas de segurança

No contato inicial com as autoridades do presídio ou da cadeia, deve ser entregue o projeto por escrito, detalhando nossa missão e forma de agir, as etapas da capacitação, bem como também a lista detalhada do material que será utilizado, para aprovação.

A coordenação da Pastoral Carcerária e da Pastoral da Criança irão providenciar, junto às autoridades, o credenciamento dos capacitadores.

Para entrar no presídio ou na cadeia, além de ser previamente credenciado, você deve ter em mãos seu R.G. original. Além da revista dos materiais, os capacitadores deverão passar por um detector de metais logo na entrada. Previna-se e não carregue nada que possa ser barrado. Celulares não são permitidos, e é sempre bom o grupo entrar junto no presídio.

5. O que não devemos fazer

- levar e dar dinheiro;
- prometer favores pessoais;
- dar o endereço e o telefone pessoal;
- dar presentes individuais;
- fazer diferença na atenção entre as reeducandas;
- levar cartas fechadas. Estas devem ser levadas abertas e qualquer agente penitenciário pode pedir para vê-las, mas não têm autorização para lê-las. O melhor mesmo é encaminhar para a Pastoral Carcerária. Na dúvida, o melhor é perguntar ao agente penitenciário antes de sair do presídio.

- levar objetos para fora do presídio;
- aceitar transportar objetos de outra pessoa para dentro do presídio;
- discutir ou se meter em discussão entre os agentes e as detentas;
- levar familiares de presos no dia da capacitação, pois esses devem ir lá no dia da visita.

Evite passar por qualquer tipo de constrangimento. A melhor maneira, quando estamos em dúvida a respeito de algo referente aos reeducandos ou aos procedimentos adotados nos presídios, é perguntar aos agentes da Pastoral Carcerária.

OBS: Essas são orientações gerais, mas é preciso ficar atento para as regras específicas aplicadas no sistema prisional de cada Estado, e que podem variar inclusive de unidade para unidade.

6. O que devemos fazer

O que devemos fazer para facilitar o nosso trabalho dentro dos presídios

- Cuidar para que o seu vestuário seja adequado: não usar roupas que tenham a mesma cor do uniforme adotado no presídio, evitar usar qualquer tipo de jóia ou bijuterias.
- Ter uma postura positiva quanto à vida, a sociedade e as pessoas.

É necessário lembrar que nosso papel é o de capacitadores.

7. A capacitação de líderes-reeducandas

Via de regra, o início do projeto deve ser realizado com mulheres, pois como capacitador da Pastoral da Criança está acostumado a trabalhar com mulheres. Pode também ser misto mas, em geral, a direção não permite.

Nesse momento, a Pastoral da Criança não fará nenhuma experiência somente com homens.

8. Perfil do capacitador

O perfil do capacitador desse projeto é o mesmo do capacitado da Pastoral da Criança, em especial que tenham a motivação para trabalhar com os encarcerados. Claro que algumas características facilitam o processo:

- não ter receio de trabalhar em presídio;
- não ser a primeira capacitação que ele irá dar;
- saber impor o respeito necessário.

9. O que se pode levar para fazer a capacitação?

Na nossa capacitação de líderes está previsto um conjunto de materiais já conhecidos como: Guia do Líder, Caderno do Líder, cartão da criança, colher-medida de soro caseiro, laços de amor, FABs e balança especial. Além das ferramentas também podem fazer parte deste material tesoura, cola, revistas, barbante, clipes, lápis, borracha, caneta, etc. Recomendamos que seja discutido com a direção os materiais que poderão ser usados para a capacitação dentro do presídio. As regras do que pode ser levado também varia de acordo com as regras de cada unidade prisional

Impresso com o apoio do:



Pastoral da Criança
Pastoral Carcerária

DICAS é um informativo técnico dirigido às Equipes de Coordenação da Pastoral da Criança.

Se tiver alguma sugestão de tema ou dúvida, escreva para:

Coordenação Nacional da Pastoral da Criança

Rua Jacarezinho, 1691 • Curitiba - PR • 80810-900

Fone: (41) 2105 0250 • Fax: (41) 2105-0201 • E-mail: pastcri@pastoraldacrianca.org.br